

PROJETO ALEGORIAS DO BRASIL

programa 9

MACUNAÍMA

Eduardo Jardim [Filósofo]

Mário de Andrade começou a escrever Macunaíma em vi... Em 26, ele tinha lido o Koch-Grünberg que é um, um antropólogo alemão que tinha recolhido nas... Na Venezuela o mito do Macunaíma, quer dizer, o Macunaíma não é brasileiro originalmente ele é um herói da mitologia indígena venezuelana.

Kaká Werá [Escritor]

Os wapixana é o povo que mora em torno do, do grande Monte Roraima. O Monte Roraima, essa montanha, é o espírito de Macunaíma. O Macunaima, como o wapixana fala, faz parte de uma mitologia ancestral desse povo. O que o Mário de Andrade fez quando ele pega esse nome e, e faz esse texto que é um marco na literatura do Brasil, não tem nada a ver com Macunaima, com Macunaima de verdade. Na verdade, ele fez uma alegoria para explicar a confusão da construção da identidade do Brasil.

Renato Lessa [Filósofo político]

O Modernismo começa com uma tentativa de dizer que que o Brasil é, que povo que nós somos e a partir daí as... Algumas estéticas saem dessa, dessa pretensão de um movimento que não era só estético era um movimento de descoberta nacional, de invenção no país. Mário de Andrade, para, para citar um, um ícone importante foi isso a vida inteira, quer dizer, ele... A ponto até de romper com o Modernismo porque... Porque teria se rotinizado nos anos 30 e 40, gerado uma, uma escola estética e não teria cumprido a sua missão.

Ismail Xavier [Crítico de cinema e ensaísta]

O que caracteriza uma nação, por que uma nação se constitui ou não? E há teorias que procuraram num certo momento dizer que a nação tinha um substrato que era de caráter cultural e de perfil, né... que historicamente constituiu o que se poderia chamar de caráter nacional. Isso é uma discussão que durante um período foi muito forte. E o que é interessante, por exemplo no caso do Mário de Andrade quando ele escreve Macunaíma no final dos anos 20, publicou em 28, ele faz o herói sem nenhum caráter. Foi uma resposta a esse clima de debate cultural onde a noção de caráter nacional se apresentava. Então você tinha algumas formulações como o Silvío Romero, o próprio Monteiro Lobato a história do Jeca Tatu.

Eduardo Jardim [Filósofo]

Para um pensador como Mário de Andrade a gente vê nos... Nas coisas que ele escreveu quando estava fazendo Macunaíma, quando estava viajando pelo Brasil lá no Amazonas que ele tem um sentimento de que os, os estrangeiros que viajam com ele todos têm uma certa segurança da identidade dos seus países, até o suíço, imagina, sabia da identidade suíça, Suíça que não tem identidade nenhuma, e ele, brasileiro, ele diz: “Essa indefinição completa”, então ele vai tentar pesquisar a cultura popular e folclórica para encontrar nela os elementos que compõem a identidade nacional. Então ele imagina que então a música brasileira como Villa-Lobos teria que se inspirar na coisa folclórica ou as artes plásticas no Brasil também e a literatura também, porque ali estava depositada a coisa da nacionalidade, mas Mário de Andrade é um pensador, é um escritor que ao mesmo tempo que escreve um ensaio sobre música brasileira, que aposta tudo na possibilidade de uma resposta escreve Macunaíma que é o questionamento disso.

Eneida Maria de Souza [Literatura Comparada]

Macunaíma ele vai representar justamente uma personagem que encarna não só outros personagens da mitologia brasileira, seja através dos contos, das lendas, mas também é uma linguagem que leva tudo ao pé da letra. Por exemplo, ele utiliza o tempo todo uma série de ditados populares, de expressões populares, né, e ao mesmo tempo ele quer mostrar que essa linguagem ela pode ser concretizada, então ele está o tempo todo trocando, né, a... As moedas, trocando os xingamentos, não é, ele joga os palavrões como se fossem pedras. Então é esse, é esse espírito nacional que eu acho que sempre

está querendo, né, tirar proveito do outro mas sim a partir de uma astúcia de linguagem que entra aí a astúcia também do malandro.

Eduardo Jardim [Filósofo]

Essa identidade do brasileiro que é uma, uma coisa que pode estar representada no livro, no Macunaíma também na figura da pedra, do muiraquitã. Esse muiraquitã, essa pedra, essa identidade ela é perdida ao longo do livro. Que que é o Macunaíma? É a tentativa que o personagem principal faz de recuperar uma muiraquitã perdida.

Ismail Xavier [Crítico de cinema e ensaísta]

No livro como tudo mais há sempre um motivo mágico e encantatório relacionado com tudo que acontece com Macunaíma, inclusive é uma proliferação de aventuras e de pequenas aventuras dentro da aventura maior, né, que definem, né, esse lado que o pessoal chama de rapsódico, porque ele vai, ele vai acrescentando detalhes, vai acrescentando novas histórias dentro da história.

Silviano Santiago [Escritor e ensaísta]

A participação do autor ela se torna pequena porque o mais importante para ele, Mário de Andrade, é ir colando determinadas expressões, determinados ditados, determinadas narrativas, né, e colando essas narrativas de tal forma, não é, que se constitui um objeto que não é dele que é um objeto de todos, é objeto da... De todos aqueles que direta ou indiretamente falam a língua portuguesa e a língua tupi-guarani.

Eduardo Jardim [Filósofo]

A história de Macunaíma terminou mas sobrou o papagaio, o Aruaí, que tinha presenciado toda saga de Macunaíma e ele, esse papagaio, o Aruaí, ele, ele, ele, ele pousou no ombro de um homem e repetiu para esse homem a história de Macunaíma: “E esse homem sou eu, minha gente, que estou contando essa história para você, leitor. Que que eu estou fazendo? Eu estou resgatando a história do Macunaíma que se passa nos tempos de dantes e estou atualizando essa história para o leitor de hoje, eu estou transmitindo, eu escritor Mário de Andrade, eu sou um elo dessa cadeia que liga os tempos de dantes ao Brasil de agora”.

Silviano Santiago [Escritor e ensaísta]

É dessa maneira que eu, que eu vejo Macunaíma como alegoria do Brasil. É uma tentativa de escrever a formação dele, Mário de Andrade, mas não enquanto ser que se chama Mário de Andrade mas enquanto um determinado escritor que quer compreender a si compreendendo a história do Brasil, mas quer compreender a história do Brasil não a partir da história propriamente canônica mas a partir das lendas indígenas. Quer dizer, ele institui então como centro fulcral de Macunaíma não a história mas o mito.

Ismail Xavier [Crítico de cinema e ensaísta]

Agora, o que dá o senso da derrota do, do Macunaíma no final é o fato de que quando ele está lá já abandonado pelos irmãos, quando ele está só, quando ele foi já rejeitado... Existe uma espécie de julgamento, quer dizer, paciência, chegou, já esgotou essa malandragem toda, essa... Esse egoísmo, todas as estratégias já chegaram a um limite, então, de repente ele está só.

Eduardo Jardim [Filósofo]

Então o livro tem por um lado esse impulso positivo, entusiasmado de passar uma ideia de Brasil, transmitir um... A ideia de um projeto brasileiro, por outro lado também ter o sentido do fracasso disso que está isso... Mário de Andrade diz que quando ele terminou de escrever o livro ele estava aos prantos diante do... Da situação fracassada do personagem dele, é uma história de um fracasso.

Silviano Santiago [Escritor e ensaísta]

Quando Mário de Andrade escreve Macunaíma ele está querendo inserir o seu personagem naquilo que vem sendo trabalhado naquela época muito que é o chamado romance de formação. Então quando diz que ele é sem caráter não é um julgamento moral é um julgamento de um ser humano que está em formação.

João Cezar de Castro Rocha [Ensaísta]

O que o Mário desejou dizer com herói sem nenhum caráter está explicitado numa carta que ele escreveu para o Manuel Bandeira, na qual ele diz para o Manuel Bandeira: “Querido Manu, você parece como todos os outros não ter compreendido. O Macunaíma seria sem nenhum caráter porque a sua identidade não seria estável ainda”, e aqui o advérbio é fundamental, isso é, o brasileiro ainda não teria traços definidores de uma personalidade aut centrada. Nessa carta ao Manuel Bandeira e numa carta

assimilar ao crítico Álvaro Lins de maneira muito fascinante o Mário de Andrade compara a experiência brasileira com a experiência mexicana, e diz o Mário: “Bom, os mexicanos têm a cultura mexica que nós chamamos mais frequentemente de cultura azteca, como um esteio para sua definição. Nós, diz o Mário, não possuímos, não temos traços definidos somos um, ainda, somos um porvir, somos um gerúndio não um infinitivo”.

Luiz Antônio Simas [Historiador]

O Mário ali está dizendo o seguinte: “Olha, re... Refletir sobre a própria identidade nacional brasileira é um problema porque ela é fluida”, né, não tem como você tentar fixar isso.

M. D. Magno [Psicanalista]

Macunaíma é uma disponibilidade. Veja bem, essa disponibilidade pode ser encontrada eventualmente na mesma pessoa ou pode ser encontrada no conjunto da cultura brasileira, né, alguns estão caracterizados, mas se você olhar não tem um caráter nacional é tudo fracionado e, e tudo está valendo e todos têm que se dar bem dentro dessa bagunça de, de construções, de construções culturais. Agora, do ponto de vista analítico é exatamente que cada um possa se tornar muito disponível, ser capaz de várias metamorfoses, de várias posições e, e quer me parecer que a, a... O exercício da psicanálise vai nesse sentido, no sentido de você se tornar cada vez mais disponível.

João Cezar de Castro Rocha [Ensaísta]

E deveríamos pensar que o que realmente importa no Macunaíma como personagem antropofágico é que o Macunaíma em última instância não é de tudo coisa alguma, mas por isso mesmo potencialmente ele pode ser tudo e no romance quando Macunaíma precisa de um telefone ele transforma-se na máquina telefone, e quando ele precisa subir do primeiro ao quinto andar ele transforma-se na máquina elevador sem esquecer que ele nunca deixa de brincar o tempo todo na acepção própria do verbo no romance, e, no entanto, no final do romance o que poderia ser um sintoma de libertação torna-se melancolia, melancolia porque em última instância depois de descer do Norte para o Sudeste e retornar o Macunaíma perde-se de si mesmo encontra a famosa pedra de muiraquitã mas já não sabe o que fazer com ela, e essa ausência de identidade torna-se para o Macunaíma um peso. A questão toda seria radicalizando a ideia de

antropofagia transformar na ausência de uma identidade estável em potência de libertação. Isso ainda hoje nós não conseguimos fazer.

Auterives Maciel [Filósofo]

O Macunaíma de alguma maneira inaugura um modo de ser, está certo, que não está ainda sedimentado e segmentarizado por uma espécie de ideologia moral. Quando você transforma isso num mito para através do mito colocar isso como objeto de chacota você despontecializa uma coisa que foi criada por um artista que estava pensando, olha só, num perfil diferenciado para um povo, e quando você transforma isso num objeto de chacota a intenção dessa transformação é fazer desse sem caráter um mau caráter, e ao fazer desse sem caráter um mau caráter isso para mim é moralização. Macunaíma deve ser uma inspiração estética e não um ideal moral.

Eneida Maria de Souza [Literatura Comparada]

Esse anacronismo, né, do Macunaíma, anacronismo não no sentido de que ele está além, fora do tempo, né, é que ele pode, justamente pertencer aos anos 20 e ao mesmo tempo transcender essa, essa temporalidade, não é. Há toda uma, uma relação de Macunaíma com personagens do Brasil e com isso as, as projeções aparecem, não é, da mesma forma que o jeitinho brasileiro, quer dizer, todo brasileiro é Macunaíma, né, porque quer tirar proveito de tudo.

Antonio Risério [Antropólogo]

Macunaíma é uma estetização paulista da malandragem carioca.

Ismail Xavier [Crítico de cinema e ensaísta]

A malandragem, por exemplo, tem uma noção muito nítida numa análise que o Antonio Candido faz no Memórias de um Sargento de Milícias, né, que é a história do personagem que está entre a ordem e a desordem, está aqui está lá, ele está entre, é a figura entre que é vista como a, a figura que acaba constituindo um, um tipo de comportamento, um perfil que é visto como emblemático, né, da situação. Então a figura do malandro no Século XX ela se consolidou.

Luiz Antônio Simas [Historiador]

A malandragem no... É um fenômeno curioso no Brasil. Eu acho essencial para a gente pensar, né, o país, porque a rigor como fenômeno social se a gente tiver que enquadrar a figura do malandro num certo tempo histórico o malandro é uma figura que está surgindo no pós Abolição, né. Existe uma certa concepção de malandragem até nos estudos sobre a malandragem que eu não gosto por exemplo, que trabalha com a ideia de que o malandro é um excluído social, que ele foi excluído do mercado formal de trabalho, ele está excluído e tal e o que sobra para ele é a malandragem, mas eu costumo dizer provocativamente, porque eu acho que a gente tem que provocar para pensar o Brasil, se existe um país que eu respeito profundamente o sujeito que vira e diz que não gosta de trabalhar é o Brasil! Por que que eu faço essa provocação? Porque durante quatro séculos o Brasil construiu uma ideologia de desqualificação do trabalho e que o trabalho não dignificava ninguém pelo contrário, o digno era você ter um escravo que exercesse o trabalho manual para você. Aí, quando termina a escravidão você quer fazer o que? Quer que subitamente, né, a ideologia do trabalho persevere e todo mundo tenha a consciência de que é digno exercer um trabalho manual, né. Se o sujeito é submetido durante 400 anos à escravidão e um dia você diz para ele que ele não é mais escravo eu suponho que a última coisa que ele vai querer voltar a fazer na vida é trabalhar!

Thula Pires [Direito Constitucional]

Essa própria autoimagem forjada de que somos preguiçosos, lascivos tem todo um com... Uma confrontação dos padrões em cada um desses atos que forjaram essas autoimagens e estereótipos que também são questionados, mas que em alguma medida se a gente ainda quiser toma-los como arquétipo para pensar a sociedade brasileira, né, tudo isso é em grande medida ato de resistência, a gente tem uma outra forma de produção de riqueza, de estar no mundo, de produzir economia, de produzir circulação de riqueza, a gente tem outras formas, né, e o fato de você usar a única coisa que você tem que é o seu corpo, né, para não fazer aquilo que é esperado por quem, né, te espolia em razão, né, de, de lucro, né, isso é ato de resistência, mas não é visto como ato de resistência porque o corpo branco nunca precisou lançar mão desse tipo de expediente para resistir.

Kaká Werá [Escritor]

O personagem Macunaíma quando ele traz a questão da preguiça, da malemolência ele não está falando es... Especificamente de uma cultura indígena, ele

está falando de um resultado de um processo colonizador que contribuiu para diminuir a auto-estima do povo brasileiro descendente de inúmeros povos indígenas que se acabou, que se caipirizou, que se tornou invisível do ponto de vista das suas origens culturais e a gente sabe que na verdade essa questão da preguiça foi uma das estratégias que lá atrás no Século XVI se utilizou para, para, para justificar a mudança da escravização indígena pela escravização africana.

Pedro Meira Monteiro [Escritor e ensaísta]

Estou lendo psicanaliticamente o Macunaíma mas é sempre bom botá-lo no divã porque eu acho que ajuda muito a entender esse, esse... Aonde opera essa ideia da preguiça, né, que é a ideia de uma recusa não propriamente malandragem mas é uma recusa, é um, é um juízo de valor, não vale a pena se submeter à, à dor do, do controle, da lei interna. Então eu escapo, não é, e escapo poeticamente vagando por um mundo onírico, não é, e alegórico que é o livro, né, Macunaíma, mas eu escapo dessa, dessa condição de constituição subjetiva, de constituição de um sujeito feito de, de freios e de, e de, e de projetos, né.

Lorenzo Mammi [Crítico de arte]

Darius Milhaud o compositor francês que veio aqui durante a 1ª Guerra Mundial já fala da maneira de tocar do Nazaré dizendo: “Eu não consigo tocar como ele, ele tem uma fluidez entre tempo forte e tempo fraco que, que eu não consigo ter”, e aí já essa fluidez virou um valor, não é mais imprecisão mas é ao contrário, que é característica da música brasileira essa coisa de oscilar entre um tempo e outro, e acho que a ideia do malandro vem um pouco, um pouco disso também, a ideia da capacidade de encontrar um registro expressivo afetivo que não confirma nenhuma da, da... Dos polos da regra, né, está no meio, então não é necessariamente algo da, da ordem da transgressão.

Luiz Antônio Simas [Historiador]

Tão malandro é o ser que está em trânsito, né, o malandro é aquele que se adapta às mais diversas circunstâncias e a malandragem é uma estratégia de sobrevivência, eu não tenho a menor dúvida quanto a isso, né, o malandro é aquele que sobreviveu, é aquele que optou pela vida e a opção radical pela vida significa muitas vezes que você vai andar no fio da navalha, né, você está ali o tempo todo. E qual é o seu caráter? O seu

caráter é exatamente não ter um caráter propriamente definido porque você se adequa com extrema sabedoria às circunstâncias que são colocadas.

Beatriz Jaguaribe [Escritora e ensaísta]

O Antonio Candido tinha falado antigamente naquele famoso ensaio dele da Dialética da Malandragem, né. Eu acho que a dialética da malandragem é uma tática, ela é uma tática para quem está embaixo e que o sistema e as regras do jogo não lhe favorecem, então você tem que dar uma driblada, você tem que fazer uma ginga, você tem que ver por onde. Eu pessoalmente apesar de eu ser carioca eu tenho horror à malandragem, eu acho chatérrimo, acho que a gente perde um tempo incrível com essas táticas da malandragem. Eu acho que o que tem que ser no meu, no meu ponto de vista, seria mais interessante você realmente criar plataformas possíveis de reivindicação social, né. Agora, não ficar entrincheirado nisso, é fazer isso. Então eu acho que essa ambivalência ela teve uma razão histórica de ser, ela gera determinados tipos de cultura, eu acho que num, num fórum imaginativo ela tem pujança, tem criatividade, ela tem graça. Eu acho que de uma, de uma forma política nem tanto, é claro que malandragem sempre tem que existir num certo de um jogo de cintura, né. Agora, uma coisa é você ter jogo de cintura outra coisa é uma falta de ética total e absoluta.

Silviano Santiago [Escritor e ensaísta]

E eu acho que Mário de Andrade quando ele faz o elogio da preguiça é exatamente isso, é que não compete a ele desenhar o amanhã, não compete a ele desenhar o amanhã! Compete a ele desenhar aquele livro que ele está escrevendo, aquele livro que ele está imaginando e aquele livro ele é produto, isso é típico dessa época, é produto do ócio!

Pedro Meira Monteiro [Escritor e ensaísta]

Esse é o drama do Macunaíma, não é capaz de construir nada. Então o fim dele é um fim poético, ele vai virar estrela, ele vai ser dilacerado pelo, pelo encontro com a uiara, né, então é um fim de, de, de um sujeito que não foi capaz de se colocar no trilho da civilização.